

As tarefas da filosofia na contemporaneidade*

Hélio Lima**

Senhoras e senhores, boa tarde!

Confesso que fiquei muito contente em saber que a homenagem aos professores mais antigos do Curso de Filosofia foi sugerida pelos próprios alunos do curso e acolhida pela Coordenação. É uma espécie de distinção Matusalém. De fato, são quase 22 anos de dedicação ao ensino de filosofia aqui na UNICAP e um quarto de século, quando somados ao tempo de ensino em outras instituições. Agradeço a homenagem de coração e espero retribuí-la com a mesma dedicação que me trouxe até aqui, inspirada naquela dedicação que tiveram os gregos no amor pela sabedoria.

1º ato: as “tarefas” socráticas

Foi Sócrates quem tornou possível a filosofia. Isso mesmo, se houvesse capitulado em face aos seus acusadores: Anito, representando os artesãos, Lícon, os oradores e Meleto, os poetas, ou seja, todos aqueles que julgavam estar de posse de algum saber, Sócrates teria abandonado o árduo trabalho de procurar, na solidão do pensar consigo mesmo, o porque do oráculo dizer ser ele o mais sábio dentre os gregos. Na *Apologia*, Platão assim relata esse espanto de Sócrates sobre o oráculo: “*Que quer o deus dizer e que significado escondem as suas palavras? De fato, tenho bem consciência de que não sou sábio, nem muito nem pouco. Que quer, então, o deus dizer quando afirma que sou o mais sábio? Ele não está a mentir, com certeza, pois isso não lhe é permitido.*”

Perplexo diante desse enigma, pois estava convicto de que nada sabia, Sócrates toma para si a missão de decifrá-lo. *Conhecer-*

* XXXII Semana de Filosofia

** Professor do curso de Filosofia da Unicap. Mestre em Filosofia pela UFPB.

se a si mesmo, eis o ponto de partida na origem do filosofar socrático. Ponto de partida esse que vem ao encontro de outra máxima dos sábios gregos: *Tenha a coragem de ser homem, não queira ser um Deus*. De fato, o que sabemos sobre os deuses? Talvez, eles sejam eternos, talvez não. Porém, certamente são imortais, acreditavam os gregos. Mas, e nós humanos, o que somos? As máximas da coragem de ser homem e do conhecer-se a si mesmo impuseram-se à filosofia como inamovíveis, pois, quanto aos os deuses, Xenófanes já estabelecera o interdito (fr. 15). É com esse não saber socrático que a filosofia redefine a sua missão, pois deve retornar e indagar-se sobre os limites da nossa própria condição humana.

O tema desta tarde é sobre *As Tarefas da Filosofia na Contemporaneidade*. Com isso veio-me à mente aquela afirmação de Cálicles: *“Essa é a verdade, que tu mesmo reconhecerias se deixasses de lado a filosofia e te dedicasses a ocupações mais importantes. A filosofia, Sócrates, é de fato, muito atraente para quem a estuda com moderação na mocidade, porém acaba por arruinar quem a ela se dedica mais tempo do que fora razoável. Por bem dotada que seja uma pessoa, se prosseguir filosofando até uma idade avançada, forçosamente ficará ignorando tudo o que importa conhecer o cidadão prestante e bem-nascido que ambicionar distinguir-se.”*

Vamos situar a questão? Trata-se daquela passagem no Górgias, de Platão (XL), quando Sócrates diz que é através do diálogo interior do eu consigo mesmo que formamos as nossas opiniões. Sobre essas opiniões, diz-nos Sócrates, *“o melhor é estar em desacordo com os outros a estar em desarmonia consigo mesmo”*. Será que essa afirmação de Sócrates sinalizaria para uma das tarefas da filosofia na contemporaneidade? Seria essa tarefa um pensar diferente da opinião pública dominante? Ou será que a tarefa da filosofia, se é que existe alguma, é inútil, por ser uma ocupação sem importância e dispensável, segundo Cálicles por não ter utilidade prática, nem ser um tipo de saber que conduz ao reconhecimento e à distinção?

Adiante, se os quinze minutos permitirem, gostaria de retornar brevemente essa questão, tendo em vista que se esconde um desafio por trás do tema proposto, sobretudo porque, na contemporaneidade,

a sofisticada e a retórica cumprem, com soberana competência e desenvoltura, as mesmas tarefas de sempre, e demonstram, desde a condenação de Sócrates, uma inimaginável atração pelos mais diversos jogos do poder e respectivos simulacros que lhes são próprios.

2º ato: o que dizem alguns contemporâneos sobre as “tarefas”?

Vamos colocar como uma indagação. Por que será que, frente às outras formas de saber, somente a filosofia insiste em se perguntar sobre a sua utilidade, sentido e, agora, sobre as suas tarefas? Será por causa do declínio da metafísica tradicional ou por que na contemporaneidade valor e sentido são intercambiáveis com funcionalidade e utilidade? De uma forma bem irônica que lhe é própria, Rorty diz que com o advento da modernidade, graças a Kant e a sua teoria do conhecimento, os filósofos ainda conseguiram manter seus empregos nas universidades. Porém, com o desenvolvimento das epistemologias contemporâneas, nem mesmo Kant conseguiu manter-se de pé. Hoje, a filosofia não é mais necessária, o homem arvorou-se ocupar o lugar de Deus, dispensado-o, lentamente, da sua tarefa de dirigir o mundo e sua ordem de valores. Assim, o que resta para o filósofo é um novo ofício, segundo Rorty: escrever romances, pois os desejos mais profundos dos homens, seus anseios, medos, esperanças e ansiedades, não mais se coadunam com o estabelecimento de normas que pretendam fazer a distinção entre certo e errado, bem e mal.

O homem moderno, a despeito do seu próprio desabrigo espiritual, sente-se completamente livre, senhor e dominador da natureza objetivada, à custa da repressão da sua natureza interna. Compreende-se ativo, participante e conectado com o mundo através das quase ilimitadas redes sociais. Nesse mundo, “*O infinito da alma, se existe, tornou-se um apêndice quase inútil do homem*” (14), como nos diz Kundera. É, pois, para esse homem que a filosofia se impõe tarefas? Penso que não deveríamos subestimar a questão.

Quando a filosofia se impõe tarefas, ela se expõe no imediatamente presente, ou seja, naquela estreita fissura histórica entre o *não mais* e o *não ainda*, no sentido heideggeriano, e aceita o desafio de conduzir o seu barco na estreita passagem entre *Silas* e *Caríbedes*.

Lograr sucesso nessa estreita passagem, é proeza para o astuto Ulisses. Mas a que custo? A um custo altíssimo: a vida de todos os seus companheiros.

Foi pensando nesse ônus que procurei responder para mim mesmo quais seriam essas tarefas. Sem pretender eximir a filosofia da sua responsabilidade em face do presente, ocorreu-me lembrar de Wittgenstein. Isso, talvez ajude a compor um horizonte de referência para o propósito aqui sinalizado.

Sou tentado a desconfiar que Wittgenstein pensava através de imagens. No entanto, isso conduz à incômoda situação de estar diante da esfinge: decifra-me ou te devoro. Para Wittgenstein “*A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem* (109). Assim, continuo citando-o, “*O trabalho do filósofo é um acumular de recordações para uma finalidade determinada*” (127), pois “*Os aspectos para nós mais importantes das coisas estão ocultos pela sua simplicidade e trivialidade.*” (129).

Se nos detivermos um pouco nessa perspectiva, podemos divisar uma luz no fim do túnel, que pode nos dar um alívio ao saber que Cálicles estava errado. Explico-me, quando Sócrates não cede às honrarias que outras ocupações poderiam ter lhe proporcionado, talvez pressentisse que, de fato, na “*simplicidade e trivialidade estavam escondidos os aspectos mais importantes das coisas*”, mas que deveriam ser descobertos, revelados. Talvez seja aquela ideia de mundo da vida, de que nos fala Habermas, que nos acolhe, nos protege e vem em socorro dos nossos dissensos. O que se apresenta como grandeza e importância revela-se por si mesmo. Pois, se o simples e o trivial estão presentes é que o extraordinário se revela e provoca o espanto, que é a origem do filosofar, como nos diz Platão no *Teeteto*. É o deter-se nesse espanto, no amor desinteressado pela busca da sabedoria, que faz com que Sócrates anuncie na assembléia a sua condição de filósofo; é isso que o torna diferente dos seus acusadores. A sua missão, que é a da filosofia, enquanto um “*acumular recordações para uma finalidade determinada*”, não é um algo útil, negociável ou vantajoso. Com a filosofia, nada se logra.

De fato, essa busca desinteressada pelo saber, talvez seja a principal tarefa da filosofia, pois é um enamorar-se, um encantar-se a despeito de todos os seus riscos. O verdadeiro amante jamais abandona a sua amada. É por isso que Sócrates diz: *“Não deixei por isso de continuar a minha busca. Eu bem sentia, é certo, que só ia conseguindo inimigos e experimentava aborrecimentos e apreensões, mas achava-me obrigado a colocar o serviço do deus acima de tudo ... Ocupado com isso, nunca tive tempo de me dedicar a sério pelos assuntos da cidade, nem sequer pelos meus, vivendo numa pobreza extrema porque estou a serviço do deus.* (VII e IX).

3º ato: uma mulher nos aponta uma tarefa

Se eu não revelasse o nome dessa mulher que me fez pensar em tudo o que disse até agora, não estaria sendo justo com o legado feminino para a filosofia. Parafraseando Kant, diria que foi Hannah Arendt quem despertou em mim esse gosto pela tradição socrática. Já me dirigindo para o último ato, tomaria uma afirmação de Hannah Arendt, para sugerir uma indicação sobre essa tarefa: *“As ciências históricas e as humanidades, que têm a obrigação de descobrir, conservar sob guarda e interpretar a verdade dos fatos e os documentos humanos, têm relevância política maior”*. É aquela ideia do *acumular recordações para uma finalidade determinada*, que nos remete à incômoda tarefa da filosofia de não deixar que a verdade pereça, e que nos obriga a uma tomada de posição.

4º ato: saudades de Atenas

Para encerrar, retornemos a Delfos! Antes, porém, façamos uma breve parada em Atenas para agradecer a Querofonte, o amigo de Sócrates. Foi ele quem perguntou à Pítia quem seria o mais sábio dos gregos. Se estamos cientes do que esse simples perguntar pôs em ação, talvez fiquemos resguardos contra a tentação da sofística e da retórica, ou desejar para a filosofia o mesmo *status* das teorias científicas modernas cuja validade reside na sua funcionalidade e não da verdade que poderia revelar. Isso se torna imperativo para a filosofia,

na sua missão de manter no presente a memória do passado, mesmo apenas como uma simples recordação, pois num mundo que perdeu o sentido e a orientação, cabe à filosofia refletir, atentamente, sobre o alerta de Tocqueville: “*Desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro a mente do homem vagueia sobre as trevas.*”

Assim, cabe à filosofia a tarefa de manter viva a chama daquele diálogo iniciado pelos gregos. Chama essa que é um modo de recordar e que nos obriga a trazer à luz a verdade da história, por mais incômoda que ela seja. Chama de um diálogo que represente as matinais, ou seja, a aurora desse nosso modo de vida ocidental, cuja origem está na Grécia, ou, como diz Beaufret, origem no “*enigma grego do nosso pertencimento ao mundo, que é o nosso próprio ser*”, mesmo que esse diálogo matinal seja ao cair da tarde, como estamos fazendo agora.

Muito obrigado pela homenagem.